



CRISTO ENTREGANDO AS CHAVES A S. PEDRO.

PARA cabal intelligencia deste cartão do insigne Raphael referiremos primeiro a scena evangelica, que representa, segundo o texto Sagrado, e servindos-nos da traducção da Vulgata pelo P.^o Pereira. —

— «E veio Jesus para as partes de Cesaréa de Philippe: e fez a seus discipulos esta pergunta, dizendo: Quem dizem os homens que é o Filho do Homem? — E elles responderam: Uns dizem que João Baptista, mas outros que Elias, e outros que Jeremias, ou algum dos prophetas. — Disse-lhes Jesus: E vós quem dizeis que sou Eu? — Respondendo Simão Pedro disse: Tu és o Christo (1), Filho de Deus vivo. — E respondendo Jesus, lhe disse: Bemaventurado és Simão filho de João: porque não foi a carne e sangue quem te revelou, mas sim meu Pai, que está nos Céus. — Também te digo que tu és Pedro (2), e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella. — E Eu te darei as chaves do Reino dos Céus. E tudo o que ligares sobre a terra será ligado também nos Céus, e tudo o que desatares sobre a terra será desatado também nos Céus.» —

Facil é de comprehender que a acção e exposição deste assumpto, não obstante o sublime e solemne das palavras, não tem a variedade de circumstancias requeridas para a composição de um painel em grande: porem o talento inventivo de Raphael achou meio de o appresentar variado, proprio e completo. — O Redemptor está figurado, como era de razão, a conveniente distancia e na postura de magestosa singeleza: com uma das mãos aponta o rebanho de ovelhas, que o artista trouxe ao quadro alludindo ás memoraveis palavras, que o Salvador dirigiu ao mesmo apostolo em outra occasião: *apastora as minhas ovelhas*; com a outra mão entrega as chaves ao fiel Simão Pedro, que de joelhos as recebe com summa reverencia. Os outros apostolos formam um grupo bastante unido, como o seu numero exigia: um delles, que tem a mão estendida, mostra-se penetrado de todo o mysterio daquellas palavras, e contempla Pedro como vigario do Divino Mestre, ao passo que o discipulo querido, João, de mãos postas parece chegar-se a Christo, exprimindo no rosto sincero o affecto que o anima. Cada cabeça deste grupo tem sua phisionomia peculiar, com a expressão adequada: porem o semblante do Salvador é verdadeiramente sublime e formoso, annunciando todas as circumstancias que tinham de acompanhar a sua divina missão na terra, o desamparo em que Israel o havia de pôr, o amargo calice que devia esgotar, e o triumpho final sobre a morte e o peccado: pelo que Raphael trajou Jesu Christo por modo diverso do que ordinariamente figuram a sua imagem sacrosanta, e lhe poz em os pés e mãos os signaes da futura crucifixão. — Todo o cartão foi delineado com tanta naturalidade que não será facil imaginar o como poderia succeder o acontecimento, que indica, de outro modo que não fosse o que alli está representado. — O transumpto, que appresentámos, serve para revelar o pensamento do eximio artista: bem pôde conhecer-se que o acabamento de suas obras só nos originaes se avaliará, e quando muito nas copias extrahidas por mãos de pintores distinctos.

(1) O nome *Christo* quer dizer o *ungido de Deus*.

(2) O principe dos Apostolos teve por primeiro nome *Simão*, que Jesus lhe mudou para *Céphas*, que quer dizer *Pedro* [Evang. seg. S. João cap. 1.^o § 42], e é palavra syriaca, equivalente de *rocha* ou *pedra*.

O DOBO.

1128.

I.

Introdução.

A MORTE de Affonso 6.^o de Leão e Castella produziu nos estados christãos da Hespanha acontecimentos ainda mais graves do que os previstos por elle, no momento em que ia trocar a cota e a cervilheira de guerra pela mortalha pacifica do sepulchro, que o recebeu no mosteiro de S. Facundo ou Sahagun. O genio inquieto dos barões leonezes, gallegos e castelhanos, facilmente achou pretextos, para dar largas ás suas ambições e vinganças, na violenta situação politica, em que o principe moribundo collocára o paiz. Costumado a considerar o valor brilhante, a audacia desmesurada, o phrenesi das batalhas e conquistas, como o primeiro dote de qualquer monarcha, e achando-se orphão do unico filho que o céu lhe concedera — o infante D. Sancho morto em annos viçosos no infeliz conficto d'Ucles — Affonso alongava os olhos pelas provincias do imperio, buscando um homem cujo braço fosse assaz firme para fazer reluzir o seu montante ao sol dos combates, e cuja fronte fosse assaz robusta para não vergar sob o peso do seu diadema de ferro. Era mister escolher um marido para D. Urraca sua filha mais velha, viuva do conde de Galliza Raymundo; porque a ella pertencia o throno por um costume introduzido a despeito das leis gothicas, que davam aos grandes e homens livres o direito d'eleger os reis. Entre os ricos-homens mais illustres dos seus vastos estados nenhum achou o velho digno de tão altos destinos. Affonso rei d'Aragão tinha, porem, todos os predicados que o altivo monarcha entendia serem necessarios ao primeiro dos defensores da cruz, e foi a este que no seu leito de agonia desejou que D. Urraca desse a mão d'esposa, apenas succedesse no throno. Assim esperava por um lado que a severidade e energia do novo principe contivesse as perturbações intestinas, e que o seu esforço não deixasse folgar os arabes com a noticia da morte daquelle que por tantos annos lhes fôra flagello e destruição. Os acontecimentos posteriores provaram, todavia, que Affonso 6.^o inteiramente se enganára (*).

A historia do governo de D. Urraca, se tal nome se pôde applicar ao periodo do seu predominio, não é mais que um tecido de luctas intestinas, de vinganças atrozes e covardes, de roubos, de revoltas e de violencias. A dissolução da rainha, a ferocidade tenaz do marido, o orgulho e cubica dos barões, convertiam tudo n'um cahos; e a guerra civil, ao passo que deixava vigorar o imperio dos mussulmanos, demorava a decisiva victoria da raça goda, entre a qual os odios dos bandos destruía os germens de nacionalidade que tanto trabalhára por fazer prosperar o allumiado Affonso 6.^o

Disse os germens de nacionalidade; porque de feito apenas então o eram na Hespanha esses milhares de vinculos moraes que unem os homens do mesmo paiz, dos mesmos costumes, e da mesma linguagem, e a que hoje se chama uma sociedade politica, ou um povo. A elevação do rei aragonês ao throno castelhano não suscitou a má vontade dos barões por elle ser um principe estrangeiro, mas

(*) Esta relação parece-me conciliar os testemunhos, até certo ponto encontrados, do arcebispo D. Rodrigo e da Historia Compostellana acerca deste successo.

porque aos estrangeiros, isto é, aos antigos vassallos do novo rei, se entregavam com preferença os castellos, as honras, os préstamos e todo o genero de poderio. A resistencia era individual, porque os interesses eram singulares. O conde, o rico-homem da Estremadura, de Galliza, de Castella ou de Portugal, referia a si e ás suas ambições, esperanças, ou temores, os successos politicos, e afferindo tudo exclusivamente por esse typo, procedia em conformidade com elle. E como seria de outro modo? A idéa de nação e de patria não existia ainda. Correi as chronicas, as historias e os diplomatas, não achareis uma só palavra que designasse a idéa de hespanhoes, uma palavra de significação complexa que distinguisse a raça goda da sarracena. Achareis o asturo, o gallecio, o portugallense, o castellão; isto é o homem do districto: mais, achareis o compostellano, o toledano, o barcellonez; isto é o homem do municipio; mas o nome de hespanhol, ou outro qualquer equivalente, esse não o encontrareis. E porque falta a expressão? É porque a entidade não existia: não existia politicamente. Havia-a, mas era sob outro aspecto, em outra relação; na da unidade religiosa. Essa sim, que apparece clara e distincta. A sociedade christã era uma, e preenchia até certo ponto o vacuo da sociedade civil. Quando era necessario achar o signal, com que se representasse um filho da Península não arabe, um só havia que exprimisse precisa e exclusivamente a idéa generica dessa grande familia: *Christianus*. O epitheto que designava a crença, indicava a sociedade; e assim cada cathedral, cada parochia, cada acisterio, cada lugar de culto era um anel da cadeia unica, posto que robusto, que pelo lado moral ligava os individuos iguaes em condição ou gerarchia. Fóra daqui apenas se davam duas especies de relações fortes e caracterisadas: uma espontanea, outra nascida de circumstancias alheias á vontade do individuo. Eram as primeiras as que se denominavam conjurações ou irmandades — as verdadeiras associações municipaes desse tempo; as segundas as que resultavam da situação diversa das pessoas — as do colono e do senhor; as do homem de trabalho e do homem de guerra. Entre o barão e o barão, o alcaide e o alcaide, o prestameiro e o prestameiro, os laços sociaes eram, porem, tão tenuous, que se desfaziam em pó ao primeiro sopro das paixões violentas, que tão facilmente se despertavam nos rudes corações daquelles tempos.

Dessa frouxidão dos laços sociaes nasceu a nação portugueza. — Pela morte d'Afonso 6.º, seu genro Henrique partiu os laços que o prendiam ao resto da Hespanha occidental e christã. Esta separação, que não foi mais que uma obra d'ambição e de orgulho, e um resultado da viciosa organização da Hespanha no duodecimo seculo, veio por milagres do esforço e da prudencia humana a constituir a nação mais forte e audaz da Europa nos fins do decimo quinto. Mas os seus primeiros dias foram tempestuosos: e no modo porque esta planta debil e tenra pôde escapar ás repetidas procellas, que a cercavam nos primeiros dias da sua vegetação, descobrem os olhos mais incredulos a mão da Providencia. Quaes seriam hoje as relações do Oriente e do Novo Mundo com o Occidente, se Portugal tivesse perecido no berço? Quem ousará dizer: sem Portugal a civilisação do genero-humano seria hoje qual é?

O conde Henrique pouco sobreviveu ao sogro — apenas tres annos: mas durante esses tres annos to-

dos aquelles actos seus, cuja memoria chegou até nós, representam um pensamento unico — o alimentar o incendio das discordias civis que devoravam Hespanha goda. Nas luctas de D. Urraca, dos partidarios de seu filho Afonso Raimunde, e do rei d'Aragão, qual foi o bando do conde? Todos successivamente, porque nenhum era o seu. O seu consistia em constituir um estado independente nos territorios que governava. E no meio dos tumultos e guerras em que ardia o imperio, elle teria visto coroadas de bom successo as suas diligencias, se a morte não viesse atalhar-lhe os designios junto dos muros d'Astorga.

Mas a sua viuva, a bastarda de Afonso 6.º, era digna do ambicioso e ousado borgonhez. A leão defendeu o antro, onde já não se ouvia o rugido de seu fero senhor, com a mesma energia e esforço, de que elle lhe dera tão repetidos exemplos. Durante quinze annos luctou por conservar intacta a independencia da terra que lhe chamava rainha, e quando seu filho lhe tirou das mãos a herança paterna, só havia um anno que a altiva dona dobrára, até certo ponto, a cerviz á fortuna do joven heroe Afonso Raimunde. Mas esta pedra preciosa, arrancada á força da coroa leoneza, nunca mais devia tornar a engastar-se nella.

Todavia se a sêde do poder que devorava o moço Afonso Henriquez não existisse: se os odios e a cubiça de muitos ricos homens, e provavelmente d'alguns membros do clero, não houveram lançado entre a mãe e o filho o facho da guerra, o amor teria talvez mudado os futuros destinos deste angulo da peninsula hispanica.

Fernando Peres de Trava, filho do conde Pedro Froylaz, aio do infante Afonso Raimunde, ganhou o coração da infanta, e brevemente se viu consul e senhor das duas provincias que constituíam os domínios de D. Thereza — Portugal e Coimbra. No meio dos deleites do amor e dos furores da guerra, as duas grandes paixões dessas eras; ella parecia deslembada de que o terrivel neto de Roberto de Borgonha deixára no mundo um successor do seu genio, e cega pela afeição entregára ao amante o que recebera do esposo, deixando talvez perpetuamente sujeito ao estranho o seu despretado filho.

Como duas hienas furiosas, D. Urraca e D. Theresa tinham combatido largos annos á frente dos seus cavalleiros, e a sorte das armas favoravel a principio á infanta, favorecera por fim as da rainha. Vencida successivamente em varios recontros, e vendo-se por fim cercada no castello de Lanhoso, D. Theresa soube ainda salvar-se, suscitando os mal amortecidos odios entre sua irmã e o malvado Diogo Gelmirez, arcebispo de Compostella, cujos cavalleiros e peões eram o principal nervo do exercito inimigo. Se esquecera nos braços de D. Fernando o antigo amor do conde borgonhez, ao menos não esquecera a sua tortuosa politica.

Deverá, porem, a historia attribuir exclusivamente áquella mulher energica e ambiciosa a gloria, se é gloria, desses tenebrosos enredos? Não é crível que D. Fernando de Trava, filho do maior inimigo occulto de D. Urraca, e alcaide de muitos castellos do proprio Gelmirez, fosse alheio a tal successo. Mas quem pôde alevantar inteiramente o sudario de um passado de sete seculos, e dizer aos que o escutam: vede-o qual elle era?

Seja como fór, é certo que a afeição mutua de D. Thereza e de D. Fernando parece ter sido duradoura. Em todas as crises do seu tempestuoso go-

verno ella o achou sempre ao lado. A decisiva victoria do moço Affonso Henriquez quebrou aquelle tracto intimo de tantos annos; mas porventura só a morte, que não tardou a dar repouso á infanta, extinguuiu essa constante amizade.

Se na batalha do campo de S. Mamede, junto de Guimarães, D. Thereza e o conde houveram triumphado do moço Affonso Henriquez, outra provavelmente fóra a sorte do nosso paiz. D. Fernando de Trava era um dos mais illustres ricos-homens de Galliza: a sua bandeira fluctuava em muitos castellos daquella vasta e guerreira provincia. Se aos grandes senhorios que herdára de seu pai e aos que tinha em prestamo de Diogo Gelmirez ajuntára o dominio dos dois condados de Portugal e Coimbra, elle fóra sem contradicção o mais poderoso barão de toda a Hespanha goda. No meio das revoltas e resistencias que o celebre Affonso Raimunde, chamado o imperador, encontrou na fidalguia da dilacerada monarchia de sua mãe D. Urraca, não seria por certo o conde o menos ousado na desobediencia, nem o mais facil de subjugar. A guerra entre aquelle principe e o seu poderoso vassallo traria forçosamente ou a sujeição a Castella dos estados do conde Henrique de Borgonha, ou o ser hoje a Galliza uma das provincias de Portugal, e alem della talvez mais algumas outras dessa gigante Hespanha, que por tantas vezes tem tentado devorar-nos. Mas a existencia da monarchia portugueza estava decretada na mente de Deus. Este paiz, cujos destinos eram o conquistar para o christianismo e para a civilisação tres partes do mundo, devia ter em recompensa unicamente a gloria: e a gloria d'elle é tanto maior quanto, encerrado na estreiteza de breves limites, o seu nome, que retumbou por todo o globo, pertence a um povo sumido no meio dos grandes imperios da terra.

Pobres, fracos, humilhados, depois dos tão formosos dias de poderio e renome, que nos resta se não o passado? Lá temos os thesouros dos nossos affectos e contentamentos, em quanto no presente só achámos vacuo e tristeza. Esqueçamo-nos pois della, e vivamos de vida melhor, a de nossos avós. O trato dos que foram grandes e fortes restaurará talvez o sentimento moral, moribundo nos corações da geração que ora passa. Sejam as memorias da patria, que tivemos, o anjo de Deus que nos revoque á energia social e aos santos affectos da nacionalidade. Que todos aquelles a quem o engenho e o estudo habilitam para os graves e profundos trabalhos da historia se dediquem a ella. No meio de uma nação perdida, mas rica de tradições, o mister de recordar o passado é uma especie de magistratura moral, é uma especie de sacerdocio. Exercitem-no os que podem e sabem; porque não o fazer é um crime.

E a arte? Que a arte em todas as suas fórmulas externas represente este nobre pensamento: — que o drama, o poema, o romance sejam sempre um eccho das eras poeticas da nossa terra. Que o povo encontre em tudo e por toda a parte o grande e venerando vulto de seus antepassados. Ser-lhe-ha amarga a comparação. Mas como ao innocentinho infante da Jerusalem Libertada, homens da arte, aspergi de suave licór a borda da taça onde está o remedio que póde salva-lo.

No meio do tumultuar das facções, entre os gritos de odio e vingança, entre as injurias e pragas das coleras humanas, sobre o soído doloroso do chorar e gemer do desalento, não vos ferem ás ve-

zes os ouvidos umas toadas harmoniosas e suaves, que vem consoladoras partir o ruído selvagem desta geração dissoluta, que se agita sobre o abysmo do seu nada? É o cantico d'amor e d'esperança que aleventa a juventude: é ella que por cima das nossas miserias sauda as velhas glorias da sua terra natal; ella innocente e pura, que não alcança de todos os nossos pensamentos, interesses, e ambições senão um — a liberdade — aquelle talvez justamente, que exprimimos sem o comprehender. Nós os homens feitos, homens do scepticismo e da cubiça, esperámos que as paginas que nos competem nos annos do paiz sejam brilhantes e lembradas! — É a geração que se aleventa que isso pertence. O que nos cabe a nós não queremos, não ousámos dize-lo Oxalá ella possa esquecer-nos, cobrindo-nos os restos com uma campa lisa e sem nome. Será essa a melhor prova de que nos perdoou o havermos sido indignos do que foi e do que será, o havermos sido uma lacuna tenebrosa no livro tão illustre e poetico da linhagem portugueza.

Em quanto, porem, não chegam esses dias em que o puro e nobre engenho dos que então hão de ser homens celebre exclusivamente as solemidades da arte no altar do amor patrio; no meio desta Palmyra moral, destas vastas ruinas da nacionalidade, amontoadas pelos furores das dissenções civis, pela morte do sentir e crer portuguez, aleventemos uma das muitas pedras tombadas dos templos e dos palacios, para que os obreiros robustos que não tardam a surgir digam quando a virem: « as mãos que te pozeram ali eram deveis, mas o coração que as guiava antevia já algum raio da luz que nos allumia. »

Contarvos-hemos, pois, uma historia do tempo antigo, aspera e mal limada como elle; uma historia da infancia da monarchia. Tenebrosa e má foi essa infancia; porem não tanto tenebrosa e má como a sua velhice. Se quereis principiar a ouvi-la, lêde o seguinte capitulo.

A. Herculano.

[Continúa no N.º immediato.]

BEM QUERER E MAL FAZER.

(Memorias insulanas.)

== 1531 ==

II

O homem propõe e Deus dispõe.

TAREL. — Ah! senhor!

TIRID. — Que é isso?

TAREL. — Que hade ser? esta rapariga por muitas vezes prometteu casar comigo e agora não quer.

CORRIOL. — Apello eu por mim. Sempre fiz zombaria d'elle.

Comedia antiga

MAL raiára a manhaã, branqueando os cimos das serras visinhas, já na Lombada do Arco se cruzavam por todos os lados os escudeiros e homens de armas de D. Isabel d'Abreu. — Nos angulos torreados da casa vigiavam as atalayas entretendo as horas frescas da alvorada a estender os olhos pela encosta abaixo e lá ao longe pelos campos, deliciando-se com o suave espectáculo da natureza a es-

perguiçar-se somnolenta por aquelles amourosos valles como quem mal sabia do sono nocturno.

O subito armamento e a attitudie defensiva que D. Isabel tomára preoccuparam todos os animos.

«Que será isto? Nem que em Africa estiveramos nos aparelharmos tão fervorosos.

«O que vos seguro é que nem em Africa, e mais alli é a guerra já costume, vi eu nunca dama de animo tão valente como nossa ama, que Deus guarde. Se ouvísseis a firmeza com que ella ordenou hontem todas as cousas de defensão. O que houve não o sei eu; mas, Fernam, aquelle escudeirote pimpão—bem sabeis?—que primeiro foi chamado, afirma que dera com a fidalga, que Deus guarde, toda turvada e carrancuda e que se lhe divisavam no rosto signaes de quem chorára.

«Que seria?

«E tão tarde, tão fóra d'horas!

N'isto estavam os escudeiros juntos n'um pateo interior, buscando assim a interpretação do que elles não alcançavam, acudindo um com um commento, outro com um parecer, outro emfim com uma sentença magistral, a unica no seu conceito admissivel e provavel, quando Fernam, o proprio de quem se tratára, sobreveio para reforçar, reprovar ou decidir as opiniões. — Era elle ainda moço, robusto, presumido, com cara avinagrada e gesto de arremetter, tirando um pouco para D. Quixote e outro pouco para Sancho Pança, o escudeiro de immortal memoria; e dotado, para corôa de tudo o mais, de punho ligeiro e lingua veloz, servindo-se não poucas vezes daquelle para corroborar os argumentos desta, o que lhe dava entre os companheiros uma força e superioridade de dialectica verdadeiramente respeitavel. Era emfim um desses taréllos e mettidoços—como ha tantos pelo mundo—que pretendem fallar de tudo, e em tudo ter sempre razão. Tal como acabamos de pintallo; mal chegára, examinada a questão, o que, entre nós, não era difficil; visto que em toda a casa não se fallava de outra cousa, começou logo sua doutoral prelenga por este teor.

«Ide-vos, ide-vos, pobres moços, que estais ahi a fazer conjecturas vaãs. Se quereis saber o que vai perguntai-m'o a mim, que tenho novas certas. Não, que tambem não deixo escapar nada pela malha.

Apinharam-se todos em roda do oraculo.

«Aposto eu que nem pela testa vos passa quem deve de ser a primeira sabedora de todo o enredo, e talvez tambem causa delle?

«Não, não.» — Clamaram todos com impaciencia.

«Pois dirvo-lo-hei eu. É a moura, aquella escrava mui valida de nossa ama.

Desta vez a cousa pareceu tão pouco provavel que um expressivo e geral encolhimento d'hombros, acolheu, em vez do desejado e habitual applauso, a grande descoberta do novista. — Era claro como o dia que nenhum dos circumstantes lhe acreditava a minima palavra. O Ferrabraz chamou em seu soccorro a maior terribilidade de que pôde revestir o rosto já de si pouco meigo; mas foi em vão: tornava-se limpido, a não poder sê-lo mais, que por esta occasião o credito vulgarmente concedido ás suas rasões fugia a bom fugir. E comtudo era porventura a primeira vez que acertava. — Assim se julga com frequencia ahi por esse mundo!

«A moura, a moura! — Que a moura seja razão para andarmos por aqui a madrugar... Ora!

«Sim, sim, moiremo-nos (1) nós pela moura... Bem dito, senhor Fernando.

E estas e outras quejandas zombarias romperam o antigo respeito guardado ao escudeiro que arregallava os olhos e trincava os beiços de pura choleria. Nunca tamanho desacato fóra commettido contra a veneranda pessoa do Sr. Fernam. Bem desejára elle em forma de auctorizada citação assentar quatro punhadas tezas pelos honrados narizes dos dignos ouvintes, mas os braccellões e gantes (2) que lampejavam ao redor, quantiosos como eram, não agouravam grande divertimento para o aggressor: teve portanto de conter-se reservando, já se sabe, para melhor occasião o direito de desforra, contentando-se por esta vez em traduzir a grande ira, que lá dentro lhe fervia, n'um extenso vocabulario d'injurias, fervorosa e apressadamente vomitadas, contra os descommettidos, que fizeram por compensação grande prova de paciencia aturando a interminavel loquella do escudeiro com edificante submissão.

«Santo nome de Deus! — Más maleitas que nos colham! — Nossa Senhora do Funchal! que venham estes franchinotes sem siso, estas raãs de charco lodeiro, estes parvos que não sabem differenciar um gentil (3) de D. Fernando d'um cotrim (4) de D. Affonso 5.º insultar um homem sisudo que tem visto como são as cousas e os homens! Com seletos demonios! — Bem trufaes (5) vós outros para quem tão nescio é. — Merecieis que vos ensinasse agora a bem viver, para que outra vez não viesseis desmentir quem sabe mais que vós e que muito favor vos faz em vos querer abrir os olhos. Se eu disse que a moura era havida n'isto é porque tenho fundamento para dizê-lo. Mas nada... E deitar perolas a porcos... Ficai-vos, ahi, ficai-vos com essas vossas necedades, e desatinadas supposições, ficai-vos que vos não quero já dizer nada.

E fez semblante de retirar-se.

O escudeiro fallava de consciencia — e bem o sabe o leitor amigo. — Ou fosse pela logica das rasões, ou pela verbosidade do orador, ou emfim pela volubidade das palavras e por uma trovada de persuasivos perdigotos que distribuia liberalmente por todas as caras dos attentos espectadores, o certo é que estes pareceram convencerem-se de que tinham andado mal e — crescendo sobre isto o costume de ouvi-lo e crê-lo, apesar do bom numero de patranhas com que diariamente os regallava — todos instaram com o bom do homem para que ficasse e fallasse. Ora elle que não queria outra cousa, nem se achava nunca tão bem como quando tinha publico para ouvi-lo e novas para contar, vendo alem disso as docéis disposições dos ouvintes resolveu-se a continuar.

«Já que tanto apertais, digo-vos, meus chocarretos, que só sabeis truanices e jogralidades fóra de ponto, que a moura hontem mesmo desapareceu sem que se possa alcançar para aonde. Mas o hortellão indo ha pouco áquelle pomar de pecegueiros que fica logo por baixo das janellas dos aposentos de nossa ama e senhora, deu com umas pégadas de homem. — Foi elle mesmo que mo con-

(1) «Moiremo-nos;» como se disseramos «cancemo-nos, fiquemo-nos.» — Expressão proverbial daquelles tempos «Mourando-me de trabalhos.» Bernardim Ribeiro.

(2) Armadura defensiva dos braços.

(3) Moeda de ouro meida, mandada cunhar por aquelle rei. — Era de 4 especies.

(4) Outra moeda de ouro.

(5) Escarneceis.

tou muito em segredo e eu só vo-lo digo aqui a vós em confidencia — as quaes pégadas estavam assignadas na terra fresca, desde o muro que diz lá para os campos até ás ditas janellas, parecendo umas que iam, outras que vinham. O hortellão que não é ahí nem tonto observou serem feitas não por pé de villão, mas pelo de quem traria pellote de panno de engrez (6), e calças talhadas ao vize, que até em risco subtil — vi-o eu — denunciava no chão a passagem das esporas.

«E que tem isso com a moura?

A incredulidade parecia de novo apossar-se dos escudeiros com a prolixidade e miudeza das descrições do Sr. Fernam que se ia afastando prodigiosamente do ponto questionado.

«Tem muito [acudiu elle presentindo a presença do inimigo, e saltando ao assumpto pouco mais ou menos como o venerando Jonathan Oldenbuck de Monkbarns saltaria n'uma lenda ou descrição]. Tem muito, que a par das pégadas machas distinguem-se outras curtas e pequenas, ao que parecem de mulher, só com a differença que estas não vão e veem, vão só. Ora a moura [dôr de levadigas consuma todos os infeis] dorme justamente na camara que deita para o pomar — não me escapou isso, quando ao aposento da fidalga fui certo dia receber uma sua ordem — é portanto claro que anda por aquí embrulhada grande em que a moura tem parte.

Bom juizo tinha o primeiro que se lembrou de dizer *vox populi vox diaboli*, porque o offato deste é tal que rasteja pelo faro o mais encoberto acontecimento, não lhe ficando de todo escondido, nem que sobre elle se cerrem as trevas do segredo melhor guardado, nem que lhe passem por cima as horas mais repousadas e misteriosas. Esta consequencia terá já tirado o leitor intelligente, vendo os successos, que só eu e elle julgavamos saber, já tão finamente adivinhados pelo indagador escudeiro.

Sabidos estes novos e importantes documentos ia proceder-se no respeitavel conciliabulo ao melhor do arrasado, isto é ás analyses, corollarios, e deducções, quando um brado da mais elevada atalaya, partindo do ameiado cimo d'uma das torrinhas, veio saltear os echos dormentes do pateo e suspender a caudal torrente dos principiaes argumentos. O grito de alarma, repetido de boca em boca, fez em momentos reunir no pateo principal, posto em frente da casa, todos os que tinham armas.

Seguindo as instrucções, que lhes haviam sido dadas, bradára a atalaya apenas vira no campo maior eavalgada picar direita ás casas da Lombada. E ainda que nisto cumpria seu cargo, com razão julgaria pouco necessario o appellido (7) visto que a companhia avistada figurava trazer as mais pacificas intenções. Compunha-se ella de modesto numero de cavalleiros, escudeiros, pagens, mui ataviados e garridos, cavalgando soberbos ginetes cobertos de jaezes custosos que era um não se cançar de admirar-los. Vinha na frente de todos um cavalleiro, que aos demais parecia levar vantagem, não menos na elegancia, e riqueza do traje que no airoso do porte, gentileza e garbo da figura, formosa em perfeição; logo em seguida um pagem, mais que os outros adereçado e alfenado, lhe trazia a sua bandeira, caminhando apoz quantos na cavalgada eram. Nascia o sol e aos mais suaves dos seus pri-

meiros raios brilhava aquella vistosa comitiva, toda luzente de ouro e prata, toda arraiada de cores vivas, toda enfeitada de estofos e finos pannos, de sedas e penachos ondeantes. Ora quem tanto se atavia, certo é que se não dispõe a tentar hostilidades. Todavia a conclusão, por mais que a todos parecesse rigorosamente logica, não embarçou que os servidores da Lombada do Arco se juntassem no logar mencionado, perdidos de conjecturas mais ou menos proximas da verdade, mas todos dispostos a bem cumprirem seu mister de obedientes servos.

Em quanto a cavalgada trotava pelo encosta, as portas d'uma sala no infimo pavimento que andava ao nivel do pateo se abriram, dando passagem á varonil D. Isabel d'Abreu, que appareceu, revestida do seu ar fidalgo e senhoril, mas sem mostras nem de tristeza, nem de temor, nem de incerteza. Fitaram-se nella todos os olhos, curiosos pela confidencial revelação do escudeiro Fernam, que ninguém já deixava de saber... muito em segredo. Nada se podia deduzir do seu porte. Era ousado e modesto, era sereno e altivo. O proprio Fernam foi obrigado a confessar que por esta vez a sua mesma agudissima penetração lhe falhava. Seguiam a nobre viuva suas donas e donzellas, todas ellas, pelo menos, tão curiosas e impacientes como os homens d'armas e escudeiros, e ao lado caminhava sua irmã D. Agueda com quem, diziam as ayas mais madrugadoras, ainda antes de amanhecer se encerrára longo espaço. Chegando ao meio do pateo ergueu os olhos para seus servidores, e vendos tão numerosos, tão feros e tão bem aparelhados, como que sorriu satisfeita.

«Honrados servidores da Lombada do Arco [disse ella com voz toda impregnada da affectuosa bondade do seu coração], quereis vós hoje servir de amparo e defensão a uma pobre viuva indefeza e desamparada, que só vos tem a vós por seu abrigo? Quereis por meu respeito expór as vidas, sustentando meu dito e resolução, e affrontando orgulhos de soberbos?...

«Que venham, que venham [respondeu a chusma, bradando] mostrar-lhes-hemos que a bésta, a lança e a espada vai tambem nas mãos dos defensores de vossos coutos como nas dos mais ufanos e mais fidalgos... Que venham! Viva D. Isabel d'Abreu, nossa ama e senhora!

Pouco é preciso para excitar o entusiasmo da multidão. Apesar de sua rudeza e vicios ha no povo reunido um certo sentimento de generosidade que talvez provém da consciencia da sua força. Este sentimento, portanto, despertado á vista de uma dama formosa, moça, cheia de bondade e branda no seu dominar, meiga postoque animosa, sensível, e por fim mulher, necessariamente devia de accender o ardor daquelles homens, tanto mais quanto se ella apresentava desvalida e supplicante, crescendo sobre as outras rasões a vaidade de ser o appoio e defensão de quem tão fidalga era e tão persuasivamente implorava. Tudo isto conhecia D. Isabel e com tudo contára quando se decidira a vir ao meio dos seus; consequencia facil de tirar examinando o olhar de intelligencia que para a irmã voltára, no momento em que o clamor da turba tanto a seu gosto a interrompeu.

Nisto estavam quando novo grito d'uma atalaya annunciou que a cavalgada parava junto d'alli. De feito, visinho tropear de ginetes provou o annuncio. «Abri as portas, meus leaes servidores [dis-

(6) Certo panno que vinha de Inglaterra.

(7) Chamamento.

se D. Isabel] Quem com vosco se acha não deve de arreceiar.

Soberbos foram alguns escudeiros cumprir a ordem de sua ama, e as portas patentes de par em par deram entrada aos de fóra.—O espectáculo então foi estranho.—D. Isabel, só, no meio de seus servidores, firmes e cobertos d'armas, a luzirem aos primeiros raios da manhã, como polido muro de aço, trajando singelas roupas de viuva em digna e magestosa attitude:—Antonio Gonçalves da Camara—já de certo os nossos leitores terão adivinhado que elle era o gentil chefe da cavalgada—alinhado e ataviado como namorado que era, meneando graciosamente seu formoso ginete fouveiro, seguido de sua bandeira, e acompanhado dos melhores de sua casa e senhorios.—Era para ver...

Pasmou o alvoroçado galan vendo o guerreiro apparelho com que era recebido, e não sabendo ainda o que pensasse quiz ao menos mostrar o como era cortez e sabido cavalleiro. Apenas transpusera as portas descavalgou promptamente, e atirando com gracioso desleixo as redes do ginete ao braço do seu pagem, adiantou-se para D. Isabel, surpreendido e como que um pouco perturbado.

«Quê me quereis, galhardo primo? [perguntou esta com modo soberano e despedido] Que vos traz a minha morada tão de manhã ainda, e tão bem acompanhado?

Sabidos os acontecimentos da noite esta pergunta, com tal modo e em tal lugar e posição, era em boa verdade pouco recreativa e animadora: por isso o Antonio da Camara dando mostras de hesitação respondeu balbuciando.

«Mas eu... formosa prima... cuidava... Depois... sabeis... Em certeza...

«Fallai, primo, fallai; ou dareis aso a crêr-se que vos assusta a minha presença.

Antonio da Camara ergueu a fronte com alliveza, e relampeando-lhe os olhos acudiu com brios de cavalleiro.

«Assustar-me eu, senhora!... Já que assim o quereis, fallarei, e mal de quem não attender ao meu dito... O a que eu venho aqui bem o sabeis, senhora prima. Venho exigir de vós o cumprimento de uma promessa...

«Arrancada á falsa fé [interrompeu D. Isabel com ar e voz de rainha, imperiosa e altiva, olhando fidalgamente em redor—sublime neste momento]. Arrancada de noite por traição de uma moura ingrata...

Aqui os dois escudeiros que ficavam aos lados do nosso amigo Fernam saltaram para a banda ambos ao mesmo tempo pondo doridamente a mão na ilharga.—Eram causa deste inesperado movimento duas rijas e triumphantes cotoveladas, applicadas como victoriosa advertencia pelo bom do homem que não se descuidou de firmar estes dois padrões da sua gloriosa descoberta com mais alguma valentia do que honestamente devesa, lembrado ainda talvez das malignas risadas dos collegas.—No entanto D. Isabel continuava com vehemencia.

«Por traição de uma moura ingrata e de um cavalleiro desleal, mais mouro do que a moura, que á maneira de saltador se introduziu pelas trevas, escondida e furtivamente, no seio das familias, ameaçando uma mulher indefeza, ameaçando-a com a deshonra e a infamia publicas... Escutai-me até ao fim, meu primo, que não é de cortez interromper uma dama... E vós cavalleiros e escudeiros... vós leaes servidores de minha casa, e vós, estra-

nhos, escutai-me tambem... Aquella promessa assim extorquida, assim por mim feita, como unico meio de salvar a reputação, devo eu cumpri-la?... Não, Antonio Gonçalves da Camara, não é com acções de villão que se conquistam puros affectos... Ide-vos, que vos denuncio diante destes honrados servos, pelo vil que hontem penetrastes aleiiosamente como traidor e indigno nos meus aposentos, aonde só vos fiz promessa de seguir-vos hoje como vossa mulher para evitar o proposito infame a que vinheis doliberado... Ide-vos e envergonhai-vos, senhor, ide-vos em paz ou senão... olhai para mim. Estou no meio dos meus servos fieis, que bem como eu ainda não perderam lembranças de seu amo.

Tremulo de ira por se'ver assim burlado, e fais-cando-lhe os olhos, levou Antonio da Camara a mão ao punho da espada em quanto nas abaladas fileiras dos de D. Isabel mais de uma bésta se encurvava e mais de um ferro sabia da bainha. Attentando porem em si e vendo-se trajado de sedas, os da Lombada do Arco cobertos de ferro, diminuta a sua comitiva e a de D. Isabel numerosa e apparelhada; tenteando o lado e achando a espada de enfeite em vez da do combate; olhando para os seus e notando-os indecisos em quanto os contrarios pareciam determinados e impacientes, como quem só aguardava o minimo signal de sua ama, cujo só respeito os continha, acabou consigo em disfarçar a cholera que o roia.—Sem dizer palavra, que lh'o não consentia seu despeito, cavallou com os seus, e fazendo uma venia, um tanto ironica, partiu affincando com ancia raivosa as esporas nos ilbaes do pobre ginete, que tudo presenciára com exemplar indifferença e que, a final, como diz o nosso inimitavel Tolentino «... foi só quem perdeu no tal joguinho.

Silenciosa tambem voltou D. Isabel, com sua irmã e suas ayas, a recolher-se, e ainda bem de todo não era ida já o amigo Fernam, que arreben-tava por fallar, arrebanhando em volta de si os companheiros lhes gritava como se levasse em gosto particular o ensurdece-los a todos, esfolando ao mesmo passo as mãos á força de esfrega-las em signal de suprema satisfação:

«Então, então que vós dizia eu?

S. Leal Junior.

[Continuar-se-ha.]

ES O objecto destes capitulos, que alguem teria por novella, é fielmente extrahido d'um manuscrito do Dr. Gaspar Fructuoso, intitulado «Saudades da Terra»—feito em 1579 e dividido em 51 cap., um dos quaes [cap. 36], o de que nos aproveitamos, tem por titulo «Do que fez Antonio Gonçalves da Camara; filho da camareira mór da rainha D. Catharina, na ilha da Madeira e do que mais lhe aconteceu casando nella e fóra della.»—Deste Dr. Gaspar Fructuoso dá a biographia Cordeiro a pag. 40 do cap. 2.º do 2.º livro da sua «Historia Insulana.» Não é portanto um romance, mas uma historia que narrámos. O facto é ou contemporaneo ou quasi contemporaneo do auctor que o conta; podemos por consequencia crê-lo em boa fé sem faltarmos ás regras da mais escrupulosa hermenetica—No demais cumpre-nos affiançar que rigorosamente copiamos e conservamos toda a acção, situações, caracteres, e posição. Unicamente amplificámos e accommodámos algumas particularidades, fazendo aqui, ou acolá ligeirissimas

alterações na superfície do assumpto sem que do íntimo em nada bulissemos.—Da primitiva simplicidade e porventura rudeza do manuscrito, tambem uma ou outra vez tentaremos dar uns longes, mas buscando sempre contribuir com o nosso minguado contingente de forças, para fazer realçar o tal ou qual drama que ha ahí, por meio d'um colorido vivo, de um estylo animado, e de um dialogo conveniente. Temos para nós que é esta a melhor maneira, e já agora talvez a unica neste seculo, de ensinar a historia, não que assim leve menos trabalho, tempo e vigílias a quem escreve, mas porque, ao mesmo passo que deleita, instrue mais a quem lê. Por este acontecimento, que tentamos aqui romancear, verá o leitor como o espirito independente da nobreza, apesar dos golpes dados por D. João 2.º, se conservava ainda incarnado nos costumes, no existir e no pensar. É um documento desse poder da antiga fidalguia, que em desprezo de todos os codigos entregava aos gumes da espada as decisões que devêra de depositar nas mãos dos juizes e interpretores da lei. É um monumento do modo de viver daquelles tempos, dos quaes, máu grado a todas as pesquisas de fideis indagadores, ainda tão pouco sabemos. Estê padrão e este documento julgamos de o fazer conhecido.—Será mais uma phrase accrescentada a essas poucas paginas—que nem por serem poucas são de menos monta e galhardia—da nossa verdadeira historia.—Desta maneira é que as folhas pequenas se tornarão livro grande. Desta maneira se irá erguendo um Pantheon para os nossos maiores, um templo para a arte, e uma aula para a boa lição. Assim melhores mãos que as minhas tomem a si o dar impulso forte á empreza.

EPITOME DA VIDA DE LUIZ DE CAMÕES.

(Continuação.)

LUIZ de Camões foi de tenra idade, passada a sua primeira educação, continuar os seus estudos na universidade, que crei D. João 3.º tinha transferido de Lisboa para Coimbra, convidando para nella serem professores alguns dos nacionaes e estrangeiros mais famosos, entre os quaes cumpre nomear o celebre George Buchanan, que os enredos fradescos obrigaram depois a fugir de Portugal.

Dos progressos que fez Camões naquella universidade se pôde julgar pelas suas obras compostas na idade juvenil, taes como elegias e sonetos que passaram á posteridade, e que posto com menos renome do que os seus Lusíadas, nem por isso sem grande conceito e apreço dos vindouros; não assim dos coevos, em cujo numero contaremos o nosso Ferreira, que posto fôra condiscipulo, na universidade, de Luiz de Camões, nem por aquelles primeiros enijos se lhe mostrára afeiçoado. É provavel que Ferreira e outros contemporaneos distinctos não prevessem então o extraordinario talento que o joven poeta mostrou depois, ou que talvez prevenidos pelo estylo moderno, que Camões adoptára sem contudo desprezar o antigo, não lhe fizessem nesse tempo a justiça que elle merecia. Seja como fór, não encontrámos em parte alguma apontamentos que nos levem a crer que o nosso Vale grangeasse a amizade dos bons engenhos seus condiscipulos, sabemos só que aos 18 ou 20 annos de idade acabou os seus estudos, e voltou á côrte onde re-

sidiam seus pais, e onde segundo os costumes daquelles tempos os nobres vinham mostrar-se para aperfeiçoar a sua educação, e passar d'alli ás escholhas militares da Africa e da Asia.

Dotado de raro engenho, de presença agradável, de ardente imaginação, e de coraçon sensivel, viu-se procurado e estimado por todos aquelles que cultivavam as lettras, e admittido na côrte e na mais alta sociedade. Foi alli que viu D. Catharina de Atayde (*), que se devemos crer a descripção encantadora do poeta, era um composto de graças e de belleza. Esta senhora era dama do paço, e a julgar pelo seu appellido, parenta do primeiro conde da Castanheira, D. Antonio de Atayde, poderoso valido de D. João 3.º Estes amores, que inspiraram a Camões grande numero de suas poesias, em que sobresahe a Ecloga XV, foram a primeira causa dos seus infortunios. A falta de bens da fortuna, que não a de nascimento em que elle era igual a D. Catharina, fez com que a familia desta senhora não só procurasse impedir esta união, que tinha por pouco vantajosa, mas sobre elle chamasse o rigor das leis, mui severas nesse tempo contra qualquer que se atrevesse a ter amores no paço.

O valimento dos parentes de D. Catharina pôde conseguir que fosse Camões desterrado da côrte para o Ribatejo, retiro em que para allivio de suas magoas, se entregou todo ao estudo e á poesia. Grande parte de suas rimas, a Elegia 3.ª, e provavelmente as suas comedias*, foram compostas nesse degredo, e segundo Manuel de Faria então foi tambem concebido o plano do seu poema.

Assim na flôr da idade viu Luiz de Camões cortadas as mais charas esperanças de sua futura carreira, e na villa de Santarem continuou por algum tempo tranquillo, entregue todo á paixão que no peito alimentava. Azedado pelo não merecido infortunio, vendo-se no principio da sua vida victima de injustas preocupações, voltou-se todo para a carreira gloriosa das armas, e das emprezas arriscadas, com que desde seus verdes annos fôra embalado. Victima de um amor, que mais se havia radicado pelo degredo soffrido, resolveu deixar a patria logo que o seu degredo acabasse.

De volta a Lisboa tomou o serviço militar, e quiz participar da gloria, que os portuguezes então adquiriram em todas as partes do mundo. Passou logo a Ceuta que nesse tempo governava D. Pedro de Menezes, e alli militou com muito denodo achando-se em diversos recontros, e particularmente em um combate naval perto do estreito de Gibraltar, aonde junto de seu pai, que commandava uma das náus, recebeu dos mouros um tiro que o privou do olho direito. Voltou a Lisboa com esta honrosa cicatriz, mas nem por ella, nem por os seus serviços teve a menor recompensa.

P. M.
[Continúa].

Nos VELHOS a ambição de poder e dominação é incomparavelmente mais atroz e violenta que nos moços; estes podem esperar, aquelles não querem perder tempo.—*Marquez de Maricá.*

(*) O licenciado João Pinto Ribeiro diz que a pessoa por quem Camões se perdêra d'amores fôra D. Catharina d'Almada, prima do poeta. Faria e Sousa assevera ter sido D. Catharina de Atayde, e a esta opinião se encosta o douto Sr. bispo de Vizeu. A dama preferida era sem a menor duvida Catharina, que Camões chama *Natercia*, anagrama daquelle nome, no soneto LXX.